

Um Debate a três conceitos: Preservação, Restauro e Conservação

A Debate on Three Concepts: Preservation, Restoration and Conservation

TOMÁS CUNHA

Investigador da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

tomccunha@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9493-9817>

Artigo entregue em: 2 de junho de 2023

Artigo aprovado em: 27 de julho 2023

RESUMO

Neste trabalho tentámos fazer uma análise e história dos conceitos de preservação, restauração e conservação. Abordámos de forma muito resumida as abordagens paradigmáticas à volta dos termos, começando com a sua etimologia, mas situadas no debate desde o século XIX até aos dias de hoje. O nosso objetivo geral é de demonstrar o desenvolvimento da discussão acerca do conceito ao longo do tempo. Desenvolvemos uma revisão de literatura com base em pesquisa nas bases de dados científicas e artigos académicos. A título conclusivo observamos que existem problemas de tradução e adaptação dos conceitos analisados em diferentes contextos linguísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Conceitos; Conservação; Etimologia; Preservação; Património Cultural; Património Histórico; Restauro.

ABSTRACT

In this essay, one tries to formulate an analysis and history of the concepts of preservation, restoration, and conservation. We address very briefly the paradigmatic approaches around the terms, starting with their etymology, but situated in the debate from the nineteenth century to the present day. Our main objective is to demonstrate the development of the discussion about these concepts over time. We developed a literature review based on research in scientific databases and academic articles. In conclusion, we observed that there are issues with the translation and adaptation of the concepts analyzed in different linguistic contexts.

KEYWORDS: Concepts; Conservation; Cultural Heritage; Etymology; Historical Heritage; Preservation; Restoration.

Introdução

Os conceitos de preservação, restauro e conservação surgem próximos, na forma de operar na área e origem. Propomos fazer uma genealogia dos conceitos e consequente debate, desenvolvendo as suas diferenças paradigmáticas. O interesse é de apreender na história o debate à volta desses conceitos. Tentamos estudar estes caminhos de forma a questionar se a maneira de pensarmos e traduzirmos as próprias ideias poderão gerar diferentes resultados na teoria e pensamento da área.

Metodologia

O objetivo geral deste estudo é de tentar demonstrar como se desenvolveu a discussão à volta destes conceitos. Começámos com a pergunta de partida «qual o caminho ao nível de significado e debate destes três conceitos?», sendo que os seus objetivos mais específicos seriam de apresentar diversas leituras paradigmáticas dessa área, mas também demonstrar se houve em algum dos casos modificações de significância. A natureza do estudo é qualitativa, o paradigma no qual operamos é de influência pós-estruturalista. Elaborámos aqui um ensaio e utilizamos como método uma revisão de literatura sobre estas matérias.

A pesquisa iniciou-se através da leitura de uma listagem bibliográfica relativa a uma das unidades curriculares no nosso percurso académico,

contendo alguns artigos que influenciaram o desenvolvimento da investigação das suas fontes. Em 15/11/2022, utilizámos a base de dados, *Web-of-Science*, pesquisando «Conservation Restoration», com a consciência de haver um debate terminológico, filtrámos na categoria por Humanidades Multidisciplinares, obtendo 34 resultados, dos quais retirámos apenas um que nos pareceu mais relevante para formular uma “genealogia” dos conceitos a partir das suas fontes.

Em 28/11/2022, pesquisámos no *Google académico* «conservação património histórico», buscando eventual produção em português sobre conservação no contexto em que a investigámos (ignorando ciência ambiental, biologia, e outras áreas das ciências empíricas). Retirámos um artigo dos 64100 que obtivemos como resultados. No mesmo dia e motor de busca procurámos «Cesare Brandi Phenomenology», retirando 1 artigo dos 382 resultados.

Procurando em 29/11/2022 na *Web-of-Science* «Gustavo Giovannoni» obtivemos 14 resultados relevantes dos quais retirámos um. No *Google académico* buscámos «Luca Beltrami restauro», especificando por haver outro académico do mesmo nome, dos 2810 resultados retirámos um. Na mesma base pesquisámos «conservation post-modern», obtendo 34000 resultados, retirando 1.

Fomos também pesquisando ao longo da sua feitura, e nas fontes dos artigos já retirados, para além de livros que seriam “históricos” neste debate, sendo estes o sustento maioritário da nossa investigação.

De que ideias falamos?

Preservação, do latim *preservare*, da junção de *pre* (antes) + *servare* – (salvar, manter) (Harper, 2022b). A ideia de manter algo seguro, de o guardar de algo antes do seu estrago. Poderíamos até partir do princípio significar «não deixar que houvesse dano», ou «não alterar um objeto de forma danosa». Muñoz-Viñas define-o como:

[...] to keep something as it is, without changing it in any way: retaining its shape, status, ownership, use, etc. This general meaning is maintained when speaking of heritage preservation, which could be provisionally defined as ‘the activity that avoids alterations of something over time’. (Muñoz-Viñas, 2005, pp. 15-16)

Restauro, do latim *restaurare* da junção de *re* (de volta) + *staurare* – (não confirmado nesta expressão, mas também presente em *instaurare* – de estabelecer; renovar, etc. – da raiz de *sta* significando fazer ou manter algo firme, ou estável) (Harper, 2022c). A ideia seria o reestabelecimento do objeto, implicando o seu declínio anterior.

Conservação, do latim *conservationem* (nominativo *conservatio*) de “manter intacto, guardar, preservar”. Possivelmente utilizando prefixo intensivo *com* (do latim *cum* como “junto” “com” algo) + *servare* (Harper, 2022a). Denotámos a parecença com o primeiro termo analisado apenas notório na alteração de prefixo, sendo que ao conservador não seria explícito que tivesse de tomar medidas prévias, ou de se preparar de outra forma, que o preservador teria de fazer.

Como se pensaram?

Para se chegar até nós objetos de passados distantes, é natural que várias formas de conservação tivessem existido antes, mas o escopo da prática passa a ser alargado e a aumentar a sua importância. Muitos destes trabalhos anteriores não vistos como esforços desse género, mas apenas como limpeza, manutenção ou reparo. Houve, excecionalmente, certos pensadores antes do século XIX que já teriam uma visão de património justificando uma aproximação ao conceito como pensado hoje, como Pietro Edwards (Conti, 2007, p. 188; Muñoz-Viñas, 2005, pp. 1-2). Edwards formula o *Capitolato* em 1777, uma série de regras revolucionárias na altura para o que chamamos hoje «conservação».

O mundo transformou-se; o iluminismo gerou a ideia de que o acesso universal à arte era desejável, no seu fim estaríamos no século XIX já com o romantismo na sua exaltação da figura do artista, já para não falar do fenómeno dos nacionalismos e uma visão de património e grandes obras de cânones nacionais. Aqui se insere todo o debate de conservação com Ruskin em 1849 com a sua publicação das *Seven Lamps of Architecture* (Ruskin, 1903) abordando toda a arquitetura no prisma de sete diferentes valores. Ruskin, antitético ao próprio conceito de «Restauro», defende, no fundo, que os edifícios deveriam ter a possibilidade de não serem transformados para pior. Como pensador aponta para uma visão de conservação talvez perene, de conservação como não alteração. Esta alteração estender-se-ia até ao combate ao próprio restauro “abusivo”, defendendo um certo “direito à ruína”. O pensamento anti-industrial e crítico de Ruskin é influente até

literariamente na sua influência na *Magnum Opus* de Proust, *Em Busca do Tempo Perdido* (Bastianelli, 2020). Ironicamente, esse «tempo perdido», a obsessão com a personagem por Ruskin e o seu pensamento, a réplica da organização da obra em si como catedral (nas suas autorreproduções espelhadas ao longo dos vários tomos), evidenciam muito o peso da memória, mas também a beleza do próprio declínio.

Temos, do outro lado da barricada, uma definição do esforço que seria o restauro que Ruskin estaria a combater. Viollet-le-Duc na sua definição de dicionário define-o como um trabalho e uma expressão modernos, não significaria manter, reparar ou reconstruir um objeto, mas sim reestabelecê-lo a um estado completo que pode até nunca ter existido (Viollet-le-Duc, 1866). Viollet-le-Duc aponta para outra terminologia de forma a demonstrar que «restauro» seria um conceito único, que não seria equiparável ao significado de «*reficere*», «*instaurare*» ou «*renovare*». Aqui restaurar não significa recuperar um objeto ou torná-lo novo outra vez (Conti, 2007, p. 1)¹. Se a ruína do objeto poderá ser boa para Ruskin, o estado presente de um objeto nunca é suficiente para esta visão inspirada por Orígenes, isto porque possivelmente é mais relevante um retorno a um estado anterior de perfeição do que até o estado original do mesmo:

[...] a concept which is even now central to the vision of restoration and its aims, and which is as deeply rooted in the Biblical tradition of the garden of Eden as it is in the myth of the Golden Age: the return to a primitive state which is better than the present one. (Conti, 2007, p. 1)

Estamos perante duas atitudes filosoficamente opostas. Se por um lado Ruskin é um pensador que espera o declínio do objeto e preferiria até a não-intervenção, valorizando as marcas de tempo como um sinal de beleza, o ponto de vista de Viollet-le-Duc lembra uma visão platónica na busca de uma forma ideal e mais que perfeita de um objeto. Resultando deste debate irreconciliável deu-se também a entrada em cena das ciências sociais para atingir uma resolução. Camillo Boito formula a ideia de monumento como documento de forma a ser “filologicamente fiel” ao documento sem alterar o conteúdo (Muñoz-Viñas, 2005, p. 5).

¹ Uma ideia que apesar de possuir interesse filosófico, não parece ser apoiada pela origem do próprio termo como visto no trabalho de Harper (2022c).

De certa forma, estes três autores serão as grandes correntes tradicionais do debate, mas curiosamente todas partilham uma mesma visão do «real» e de valorização:

Os três teóricos investigaram o objeto patrimonial a partir da sua dimensão objetiva, material; entendendo que a verdade da matéria resultava do seu valor estético, de antiguidade ou histórico, respectivamente. Eles consideraram que o significado dizia respeito à preservação das construções que materializassem os valores de sua relevância àquele momento e ao seu futuro, construindo um modo de intervenção no objeto patrimonial que podemos dividir entre preservação e restauração. (Hidaka, 2009, p. 16)

William Morris segue o seu mentor ideológico, Ruskin, na formulação de uma teoria anti-restauro (Luso et al., 2004, p. 37). Para além destes pensadores houve também na mesma altura outros com posições intermédias estabelecendo um equilíbrio como, por exemplo, Gustavo Giovannoni, que direciona os seus esforços também para uma conservação urbanista (Zucconi, 2014), ou Luca Beltrami (Muñoz-Viñas, 2005, p. 6).

Tivemos de aguardar até 1963 para a publicação de uma nova visão, de Cesare Brandi, sob a forma do seu texto *Teoria del restauro* (Brandi, 2022). Volta a colocar ênfase no valor artístico do objeto a ser “salvo”. Notamos a influência do surgimento da fenomenologia nas suas obras (Meraz, 2019).

A notar uma diferenciação terminológica: o anglo-saxónico Ruskin falava em conservação, o francês Viollet-le-Duc e o italiano Brandi falam em restauro. Na escolha terminológica somos confrontados com o problema da Torre de Babel: em línguas românicas, «conservação» no sentido abrangente pode ser traduzido como «*restauro*» (em italiano), «*restauración*» (castelhano) ou «*restauration*» (francês), fazendo com que traduções dos conceitos sejam imprecisas. Não ajuda o facto de se usar como sinónimos «conservação», «preservação» e «restauro» para significar o mesmo quando elas poderiam significar instâncias diferentes (Muñoz-Viñas, 2005, pp. 14-15).

A visão contemporânea, mas algo distante de Brandi, está ligada às ciências empíricas, e chamava-se a «nova conservação científica». Pode-se tecer a crítica de uma tal concentração no seu elemento mais empírico, focando-se nas técnicas, que menospreza a teoria, de tal forma que não seria propriamente caracterizado como tal. Pode ser visto, no entanto, que em países de matriz anglo-saxónica acabaram por aceitar mais entusiasticamente este paradigma, enquanto países de matriz latina (mediterrânicos e

latino-americanos) gravitaram para uma perspetiva de base do valor artístico dos objetos. É também o caso que a partir dos anos 80 do século XX passa a haver uma nova série de ideias baseadas em perspetivas pós-modernas, no entanto elas não tomaram nenhuma forma sistémica e são fragmentadas (Muñoz-Viñas, 2005, pp. 6-7). Apesar disso, colocam importantes críticas acerca do que significa conservar, preservar e restaurar hoje, problematizando os conceitos basilares da área e apontando novas formas de os teorizar (Orbaşli, 2017).

O debate do futuro?

Será importante ter em conta a realidade linguística onde opera este tipo de investigação. De forma a fazê-lo justamente e a melhorar o protocolo da investigação seria necessário quicá ser tido nos conceitos noutros contextos linguísticos não abordados aqui, e continuamente adicionar ao debate à volta dos conceitos em questão, para ver que outras mudanças etimológicas possam ocorrer. Nesse sentido também ver nesses diferentes universos como é que estes adotam institucional e filosoficamente estas ideias. Novas questões aqui se prendem para investigadores: se quisermos adicionar novas leituras, corremos o risco de maior confusão conceptual, mas ao mesmo tempo excluiríamos grande parte do mundo se não o fizéssemos. Nesse caso, como integrar justamente e funcionalmente? Deveremos ampliar a pluralidade de leituras ou trabalhar para um entendimento coeso? Valerá a pena uniformizar? O que se ganha ou perde nesse processo? Acharíamos também relevante adicionar ao leque conceptual o conceito de «curadoria» pela sua proximidade na área, e a sua interessante e multidisciplinar história. Para investigação futura, faz também sentido uma abordagem que incida sobre a modificação destes conceitos na era digital e informática, e se o acelerar tecnológico nos fez olhar para estas ideias de outra forma, ou se novos conceitos imperam nos dias de hoje.

Conclusão

Sabemos que conceitos e palavras não são estanques, as ideias podem fluir e alterar-se no tempo. Aquilo que era a origem das palavras, vimos a sua transformação, desde a sua significação primeira até ao que o que os próprios “tempos” pedem, como no caso do conceito de «preservação» na sua origem do latim implicando a não alteração (pelo menos danosa) do objeto até à

tentativa de alteração até à criação de um objeto idealizado. Vimos que no centro do problema está também uma questão linguística e de tradução, que em certos países os conceitos são utilizados, mesmo pelos teóricos, como se estes significassem a mesma ideia. Para além disso vimos também o debate de uma primeira geração com Ruskin, Viollet-le-Duc, e Boito até à visão fenomenológica de Brandi, passando depois pela introdução das ciências sociais, mas também mais tardiamente das «*hard sciences*», e atualmente o desenvolvimento de visões pós-modernas, mas ainda por se estabelecer e sistematizar na área. Talvez uma das conclusões de maior interesse é a forma como apreendem e adotam os próprios conceitos, faz com que os diferentes paradigmas se estabeleçam, demonstrado no facto de países de matriz anglo-saxónica e outros de matriz latina chegam a resultados diferentes.

Referências Bibliográficas

- Bastianelli, J. (2020). Repenser le patrimoine, hier et aujourd'hui. Le génie de John Ruskin. *Cahiers Victoriens et Édouardiens*. <https://doi.org/10.4000/cve.7573>
- Brandi, C. (2022). *Teoria del restauro*. La nave di Teseo.
- Conti, A. (2007). *A History of the Restoration and Conservation of Works of Art*. Elsevier.
- Harper, D. (2022a). *Conservation* [Dictionary]. Online Etymology Dictionary. <https://www.etymonline.com/word/conservation>
- Harper, D. (2022b). *Preserve* [Dictionary]. Online Etymology Dictionary. <https://www.etymonline.com/word/preserve>
- Harper, D. (2022c). *Restoration* [Dictionary]. Online Etymology Dictionary. <https://www.etymonline.com/word/restoration>
- Hidaka, L. T. F. (2009). Da verdade dos objetos à significação dos sujeitos: O desafio contemporâneo de conservação do património histórico. *Revista Impeto*, 2, 15–17.
- Luso, E. C. P., Lourenço, P. B., & Almeida, M. G. de. (2004). Breve história da teoria da conservação e do restauro. *Engenharia Civil*, 20, 31–44.
- Meraz, F. (2019). Cesare Brandi (1906 to 1988): His concept of restoration and the dilemma of architecture. *Conversaciones*, 7, 160–170.
- Muñoz-Viñas, S. (2005). *Contemporary Theory of Conservation*. Elsevier Butterworth Heinemann.
- Orbaşli, A. (2017). Conservation theory in the twenty-first century: Slow evolution or a paradigm shift? *Journal of Architectural Conservation*, 23(3), 157–170. <https://doi.org/10.1080/13556207.2017.1368187>
- Ruskin, J. (1903). *The Seven Lamps of Architecture*. George Allen.
- Viollet-le-Duc, E. (1866). *Dictionnaire raisonné de l'Architecture française du XIe au XVIe siècle*.
- Zucconi, G. (2014). Gustavo Giovannoni: A Theory and a Practice of Urban Conservation. *Change Over Time*, 4(1), 76–91.